

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1\$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.



S. Claudio e seus companheiros, martyres

Artigo politico

Encerrado o parlamento, entrou a politica em trenguas, e começa a villegiatura official. O snr. presidente do conselho partiu para a Allemanha, afim de acompanhar sua esposa, que para ali foi, por conselho da medicina. O snr. José Luciano de Castro tambem partiu para Pariz, onde foi reunir-se a suas exc.^{mas} filhas. E ficaram sem chefe interinamente os dois chamados partidos rotativos.

Fica gerindo a pasta do reino e com as prerogativas de presidente do conselho de ministros interino, durante a ausencia do snr. conselheiro Hintze Ribeiro, o snr. Pimentel Pinto, ministro da guerra, e fica dirigindo (se assim é possível dizer-se), o partido progressista, na ausencia do seu chefe os snrs. conselheiros Bsirão e José Maria d'Alpoim.

E, se exceptuarmos uns certos boatos que correm, acerca d'uma reforma da camara dos pares, quando algum dia, o partido progressista fôr chamado ao poder, nada ha que possa agora interessar os leitores, ácerca de politica.

A.

Santa Pulcheria

Imperatriz do Oriente

A 6 do corrente mez de julho venera a Egreja Catholica a gloriosa Santa Pulcheria, que no seculo V floresceu em todo o genero de virtudes. O seu nome é famoso nos fastos do christianismo; foi uma heroína no seu tempo, e em todos os tempos a sua memoria será celebrada com grande louvor. Quem era Santa Pulcheria?

Antes de tudo, seja-me permittido citar aqui as palavras d'um escriptor moderno:

«Nunca foi tão verdadeira como hoje a velha phrase «o tempo vâa». Os acontecimentos succedem-se com rapidez, ou, para melhor dizer, trazemos a attenção tão occupada e dividida, que quando qualquer objecto nol-a chama de novo, nos toma quasi sempre de improviso.

Assim é facil de comprehender que nos esqueçam mais depressa do que nunca os homens e as coisas, ainda que os primeiros fossem os que mais se distinguiram, ainda que fossem as segundas as que mais impressão fizeram; mas é tambem por isso mesmo que mais necessario se torna resuscitar uns e recordar os outros por meio da escriptura, afim de que elles sirvam de exemplo e ellas de ensinamento no futuro.

A biographia é a representação quasi viva, a lição quasi animada.

Por meio d'ella o escriptor evoca do tumulo o homem illustre e colloca-o no theatro em que representou, aonde o conserva mudo, mas dando com a sua presença, se assim se pôde dizer, quasi corpo e alma á narração.»

Estas palavras vêem a proposito para o ponto de que me occupo; mas eu não fallo de nenhum homem illustre: é d'uma mulher, o que para o caso vale a mesma coisa, ou ainda mais. E' a imperatriz Santa Pulcheria que no seculo V, em que os barbaros do norte invadiram e devastaram as nações da Europa, foi o ornamento do throno de Constantinopla.

Filha do imperador Arcadio, e irmã de Theodosio II, seu successor, a nossa princeza foi como regente do imperio durante a menoridade de seu irmão que começou a governar no anno de 468.

Eu digo como regente, ainda que realmente podia dar-lhe esse nome, porque Pulcheria teve toda a auctoridade

e valimento nos negocios do estado, e Theodosio era ainda menino. Quem de facto governava, e a contento de todos, era a princeza.

Pulcheria era tambem ainda muito joven, mas dotada de tão acertado juizo, que por seus dictames se dirigiam os da regencia. No interior do palacio era uma verdadeira mãe de suas irmãs mais novas e do mesmo Theodosio, a quem inspirava a piedade e fazia amar a religião.

Logo que seu irmão empunhou de facto o sceptro imperial do Occidente, elle invocou a cooperação de Pulcheria para pacificar o imperio então perturbado com guerras: e a princeza desenvolveu a maior energia em bem do estado e da religião, merecendo que os Padres do concilio de Chalcedonia, celebrado n'esse tempo, a appellidassem com os mais honrosos epithetos.

Quando se convocou este concilio, Pulcheria era casada com Máriano, valente general, cavalheiro esforçado e cheio de zelo pela fé catholica. Era, sem duvida, um esposo dignissimo; e foi elle que subiu ao throno por morte de Theodosio.

Todos os escriptores são concordes em dizer que a princeza contrahiu matrimonio com Marciano, não para ter um esposo, mas para partilhar com ella o governo e fortalecer a auctoridade que tão necessaria era n'aquelle momento historico. E note-se que ella, offerecendo a sua mão ao illustre guerreiro, lhe declarou ter feito voto de virgindade.

Marciano acceitou, ficando muito contente, e um e outro convieram em observar fielmente o voto de Pulcheria.

Então todo o Oriente mudou de face com o governo de Marciano e de Santa Pulcheria, que era a alma do imperio.

Mas o imperador Marciano era tambem um principe muito victorioso, corajoso e illustrado.

Fallei acima do Concilio de Chalcedonia, que se abriu a 3 de outubro de 451. Alli assistiram Mariano e Pulcheria, como protectores da Egreja. O Concilio foi decretado pelo Papa S. Leão I, de combinação com o imperador.

N'esta assembleia ecclesiastica a que assistiram 600 Bispos pouco mais ou menos, foram condemnados os erros de Eutyches, e do Dioscoro.

O imperador fez uma allocução aos Padres congregados, pedindo-lhes que puzessem o maior cuidado na extirpação das heresias e na declaração da verdadeira fé catholica.

São notaveis as seguintes palavras do imperador no Concilio, estando ao seu lado Santa Pulcheria:

«Nenhum se atreva a dizer coisa alguma contra o Symbolo Apostolico que compozeram os Padres de Niceia, porque assim o manda o Santissimo Papa Leão que governa o throno apostolico, na carta que dirigiu a Flaviano, de santa memoria, Bispo de Constantinopla.»

Voltando a fallar expressamente da augusta imperatriz Santa Pulcheria, direi agora os appellidos que lhe deu aquelle grande Concilio de Chalcedonia.

Seiscentos Prelados, entre os quaes havia homens de eminente santidade e insignes defensores da fé christã contra as heresias de Nestorio, Eutyches, Dioscoro e outros, proclamaram bem alto e publicamente, *una voce* a Pulcheria: Guarda da Fé, conciliadora da paz, expulsora dos hereges, pia, orthodoxa, nova Helena. E ao imperador Marciano chamaram *novo Constantino*.

E ao mesmo Papa S. Leão I lhe escreveu elogiando as suas altas virtudes, e dando-lhe os parabens pela sua protecção á santa Egreja, para que ella triumphasse o mais breve possível da impiedade e malvadez dos hereges.

O palacio era como um mosteiro de religiosas onde serviam a Deus Pulcheria imperatriz, e suas irmãs Fla-

cilla, Arcadia e Marinha. E o povo assim o considerava geralmente.

Santa Pulcheria e suas irmãs, também virgens como ella, passavam o tempo na contemplação das coisas celestes, na leitura dos livros santos, em cantar hymnos sagrados a Deus e aos santos, com especialidade a Maria Santissima, Mãe de Deus. E n'isto era acompanhada de toda a familia imperial.

Exerceu a virtude de caridade em summo grau, ampliou e doou muitas egrejas.

E que mais? Ah! já me esquecia dizer que Santa Pulcheria amava as lettras e as cultivou com primor.

Depois d'uma vida toda empregada no exercicio das virtudes christãs, foi para o ceu no anno 453, com 54 annos de idade.

Se todos os santos e santas, veneradas na Igreja de Deus, são dignos dos nossos louvores e admiração pelas suas heroicas virtudes, n'este ou n'aquelle ponto, segundo a sua posição, parece-me que Santa Pulcheria, como nenhuma outra, merece essa honra: foi uma verdadeira heroína christã.

O mesmo Voltaire, com seu character zombador, quiz tocar-lhe; mas assim a medo, como quem nada tem que diga com geito contra esta santa imperatriz.

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

ESTUDOS

O Santo Sudario de Turim

(conclusão)

VIII

Resta-nos ainda um ultimo argumento. E' necessario que, para o caso do lençol de Turim, o enterramento tenha sido provisorio. Sem isso, o corpo seria embalsamado, e n'estas condições, não emitiria vapores alcalinos. O lençol teria sido applicado ao corpo por meio de ligaduras. Emfim, ao cabo de certo tempo haveria senão decomposição do corpo, pelo menos apodrecimento do Sudario.

Ora nós sabemos que José d'Arimateia fôra pedir a Pilatos, logo na tarde do supplicio de Jesus, auctorisação para levantar o corpo do Divino Mestre, retirando-o da cruz. D'este modo, não houve tempo material para um embalsamamento completo.

Demais, quando as santas mulheres vieram dois dias depois procurar o cadaver de Jesus afim de procederem a um enterramento definitivo, o tumulo foi encontrado vazio. O corpo desapareceu: se assim não fosse, as transudações acidas do cadaver teriam destruido o negativo impresso sobre o lençol.

Sem duvida, comprehende-se agora o interesse que se liga á imagem revelada pela photographia, e não nos resta mais que admirar a sua extraordinaria belleza.

Esta fronte devastada pelos golpes, estas palpebras abaixadas, uma completamente apagada pela morte, e a outra ainda meia levantada, este ar de calma, de grandeza e de gravidade no soffrimento, deixam na memoria uma impressão profunda.

E' o Christo de todo o mundo e conforme a celebre carta de Lentulus: phisionomia nobre, rosto comprido, nariz um pouco aquilino, bocca pequena e bem feita, barba algum tanto longa, cabellos apartados na frente e cahindo em anneis sobre os hombros.

Parece uma synthese de todos os esforços feitos para materialisar a mais pura belleza moral, e que ficaram sempre incompletos. Como, pois, tornar visivel n'um rosto humano, a força posta ao serviço dos fracos, e torna-

da verdadeiramente fraca pelo soffrimento recebido? Como conciliar a auctoridade com a abnegação que perdoa aos que não sabem o que fazem?

Tal é a figura tradicional de Christo, aquella que a arte devia conhecer e exprimir.

Um escriptor moralista e psychologo assim como historiador e critico de arte não encontraria d'entre todo o amontoado artistico dos museus uma obra digna de exprimir o verdadeiro Christo como esta cabeça dominadora e meiga, insultada e apaziguada.

O falsario tel-a-hia corrigido nos seus contornos e nas suas deformações. Dar-lhe-hia um pescoço, orelhas, e hombros sobretudo. Teria traçado melhor as narinas, os olhos e barba, e as indigentes madeixas dos cabellos empastados pelo sangue e suor.

Na sombra pesada do castello feudal ou no claustro subjugado do convento, como encontraria elle esta inspiração serena e magestosa que o analysta não pôde conceber?

Agora algumas considerações finaes.

Em que hypothese devemos concordar? Não tornamos a repetir que n'este apaixonado debate somos apenas testemunhas imparciaes. Limitamo-nos simplesmente a resumir os argumentos mais catheticos e a accentuar os pontos que parecem definitivamente adquiridos.

A grande novidade trazida pelo debate, aquella que confundiu todas as ideias ha muito tempo conservadas e que fez revolução, foi esta: Até aqui, considerava-se a imagem do Sudario de Turim como uma pintura. Esta hypothese deve ser banida definitivamente depois da descoberta da imagem photographica do Sudario e depois dos estudos e experiencias a que esta descoberta deu lugar.

A imagem do Sudario é uma impressão projectada pelo corpo d'um homem. Um homem esteve deitado sob este sudario. Tal será d'óravante o ponto de partida da discussão.

Resta saber quem era esse homem. Encontra-se n'elle d'um modo surpreendente todas as marcas que o supplicio tinha imprimido no corpo de Christo. Encontramos as—facto particularmente surpreendente—d'uma maneira que desmente ás vezes a tradição, mas que a desmente em proveito da verdade scientifica e da realidade. Poder-se-ha crer que um asceta se submettesse voluntariamente ao martyrio de Christo e que seja d'elle a imagem que o Sudario de Turim conservou? Não queremos resolver a questão, nem n'um sentido nem n'outro. Deixamos aos nossos leitores o cuidado de responder a essas duas perguntas consoante as suas convicções pessoais. A Santa Igreja não se resolveu sobre este assumpto, nem crêmos que se declare de vez. No entanto esperamos que este problema seja completamente illucidado se tanto fôr possivel.

Terminamos, pois, com um ponto de interrogação.

P.

PERFIS

Nemo

Ao escrevermos estas linhas não tínhamos em vista traçar o perfil d'este notavel escriptor e jornalista, d'este denodado paladino da causa catholica, que tantas vezes nas lides da arena, de vizeira açacalada e de lança em riste, lançara o seu cartel de desafio á imprensa jacobina, ao jornalismo venal e corrupto.

E nem em tal coisa pensavamos, repetimos ainda, porque sabemos muito bem quão longe ficariam da realidade as nuances com que tentassemos debuxar todo o

seu austero perfil de velho portuguez «d'um só rosto e d'uma só fé,» e concomitantemente a critica de toda a sua importantissima obra que com justiça lhe dá um logar culminante nas letras patrias.

Tudo quanto dissessemos, pois, a seu respeito, além da mediocridade do conceito, tinha algo de arrojado. E a tradição medieva conta que só a aguia pôde fitar impunemente o deslumbrante disco solar...

Além d'isso, algum tanto bisenhos como somos nos araises da imprensa, ainda não podemos comprehender os planos de campanha, elaborados por velhos e experimentados capitães já crestados pelo sol de bastantes refregas, para por elles podermos avaliar o lidimo merito dos seus auctores.

Que, actualmente mais que nunca, estamos em plena vida na lucta, uma lucta incessante, sem treguas.

E estas luctas d'agora não são como as dos tempos idos nas quaes imperava a força bruta, o direito do mais forte; hoje são travadas unicamente no âmago do pensamento e nos vastos campos da ideia.

E' ahí, pois, que está concentrada toda a vitalidade de amanhã, a sorte do futuro, d'essas edades que vão receber a herança horrivel e monstruosa dos tempos modernos.

Portanto, de luctadores imperterritos e inabalaveis é que se precisa para apontar em desassombradamente ás multidões desvairadas pelo virus hodierno as brancas tradições da humanidade, e oppor assim um dique de bronze á onda devastadora das ideias anarchicas e criminosas de hoje.

Pelo seu papel altamente sympathico, pelo seu condão de electrizar o povo, sempre em todos os tempos foi grandiosa e como aureolada d'um nimbo de luz a figura athletica do luctador, quer ella seja o Christo nas luctas fecundissimas do christianismo, quer ainda os seus sobre-humanos continuadores.

E a sua obra perdura e é inabalavel: perdura porque é eterna como o seu auctor, é inabalavel porque resiste aos rudes embates das Gehennas do mal. Se elles luctaram porque não haviam de vencer?

O luctador d'agora, porém, precisa de condensar n'um todo unico a fé simples e tenaz dos martyres primitivos, a inspiração patriótica dos trovadores medievaes e o ardor e entusiasmo dos guerreiros cruzados.

Só assim é que têm condições seguras de batalhar e vencer.

Ora todas estas qualidades excepcionaes estão como que personalizadas em Nemo. Jornalista vigoroso, escriptor elegante e vernaculo, polemista destemido, critico erudito tal é Nemo. Mas... releve-nos o mestre insigne a audacia do admirador humilde.

Oxalá pois, que em tempos breves possamos saudar a apparição na imprensa catholica de tão notavel escriptor, para ahí occupar o logar proeminente a que tem jus inmarcessivel.

P.

LITTERATURA

O inimigo dos candieiros

Houve em Brest um joven official de marinha chamado Thiago Melu, que pela sua intelligencia viria a ser uma gloria nacional se não tivesse uma mania excentrica que o levava a quebrar com pedradas todos os lampeões que se lhe deparavam.

Quando era creança não costumava brincar com as outras da sua idade, só lhe mereciam attenção os lampeões da illuminação publica, quebrando-os a cada passo.

No dia em que seus paes o pozeram no collegio havia lá festa. Apenas chegou a noite os candieiros da casa acenderam-se. Não podendo resistir á sua mania, Thiago apanhou uma pedra e fez em pedaços o lampeão principal.

Desde esse dia, nenhuma lanterna escapou á vista de Thiago Melu. Quando ao anoitecer se dirigia do collegio a sua casa, só cuidava de illudir a vigilancia do creado que o acompanhava para despedaçar o primeiro lampeão que encontrasse, quer fosse da illuminação publica, quer d'alguuma loja ou café.

Para não perder tempo em procurar pedras, costumava trazer os bolsos sempre cheios de seixos para não lhe faltarem recursos em occasião propicia.

A principio, seus paes riam-se da mania do rapaz, e para evitar disputas andava o creado sempre prevenido de dinheiro para pagar os prejuizos feito em vidros aos commerciantes que tremiam quando viam Thiago Melu, passar pelas ruas.

O pae achava muita graça quando lhe levavam a conta de um novo lampeão quebrado, e rindo-se exclamava: — Todo o mal que elle faça não passe d'isso.

E' verdade que Thiago era um bom estudante. Depois de ter feito um brilhante exame, fôra admittido na escola naval.

Em recompensa, seus paes deixaram-lhe passar as frias em Paris, onde estava aberta a exposição universal.

Nos quinze dias que esteve em Paris, Thiago tinha quebrado mais de cincoenta lampeões da illuminação a gaz.

Seus paes começaram então a dar importancia á mania do filho. Sete vezes tinha comparecido perante os commissarios de policia e condemnado a pagar a quantia enorme de 1:500 francos.

Durante o segundo anno de estudante a bordo do navio-escola, os professores pozeram guardas para evitar que elle quebrasse os lampeões dos signaes, porque os olhos de Thiago não se arredavam dos dois pharoes gigantescos que dominam a bahia de Brest.

Isto chegou a ponto que seus mestres quizeram expulsal-o. Sahindo da escola com as mais honrosas menções, foi logo nomeado official de marinha.

N'esse dia, para festejar a sua nomeação deu um jantar e sahindo d'este até chegar a sua casa quebrou 43 lampeões, pharoes e lanternas. Isto foi considerado uma transgressão de disciplina, sendo condemnado a 15 dias de prisão.

Quando rebentou a guerra franco-prussiana, Thiago embarcou n'uma canhoneira e foi para o Baltico. Os pharoes dos navios inimigos eram a sua paixão. Tres navios allemães foram aprisionados. A bordo ninguem enxergara sombra de pharoes: o vencedor tinha-os quebrado com uma sanha feroz.

Acabada a guerra foi nomeado commandante d'um navio e condecorado. Então seus paes pensaram em casalo, e o dia do casamento fôra designado. No momento da cerimonia, Thiago divisa no grande salão um magnifico candelabro.

Dirige-se a elle furioso e quebra vinte globos de crystal e trinta tubos. O *maire* protesta, as testemunhas olham-se assustadas, os paes dos noivos dão o dito por não dito.

Thiago Melu foi accusado publicamente de loucura, e sendo obrigado a pedir a sua demissão, foi esta logo acceita.

Depois de se ter completamente arruinado por esta mania, o ex-official veio residir para Paris.

Na noite d'uma das festas patrioticas, Thiago quiz a seu modo mostrar o seu entusiasmo, quebrando um candieiro. Mas o povo parisiense viu n'isto uma manifestação hostil á republica, e começou a cantar a marselheza, batendo o compasso nas suas costas.

Esteve de cama oito mezes em resultado das pancadas que lhe deram.

No fim d'este tempo exhalou o ultimo suspiro, olhando melancolicamente para os lampeões da avenida da Opera, que estava perto das suas janellas e que já não podia quebrar. Assim acabou este eterno inimigo das luzes.

(Trad.)

DE TUDO UM POUCO

Calendario :

Julho	Faz hoje 82 annos que Napoleão I, depois de perdida a batalha de Waterloo, se entrega aos inglezes, a bordo da não <i>Bellérophon</i> (1815).
15	
1903	No dia 18 de junho havia sido ferida a celebre batalha de Waterloo, onde declinou a estrella de Napoleão Bonaparte.

No dia 18 de junho havia sido ferida a celebre batalha de Waterloo, onde declinou a estrella de Napoleão Bonaparte.

Esta batalha que á tarde parecia estar ganha, soffreu depois um revez, sendo derrotado o exercito francez, pela chegada imprevista dos prussianos. E Napoleão, em vez de organizar a resistencia, á frente dos seus destroços, voltou para Pariz, e ahi, retirando-se para o palacio Eliseu-Bourbon, abdicou, em favor de seu filho. Depois partiu para Rochefort, onde um navio o esperava para o transportar para a America. Mas, tendo depois resolvido confiar-se á generosidade do governo inglez, entrou na não *Bellerophon*, sendo depois transportado na *Northumberland* para a ilha de Santa-Helena, como prisioneiro da Coalisção. E ahi morreu esse grande ambicioso, que tam alto o elevou a Providencia, e que depois o abandonou por elle attentar conta o poder e as prerogativas da Egreja Catholica—no dia 5 de maio de 1821, na idade de 51 annos.

Humorismos :

Um individuo contava a outro, que tinha trez filhos, havendo a notar-se a coincidencia de todos trez formarem com as iniciaes dos nomes as primeiras lettras do A B C.

—Nada mais natural—disse o seu interlocutor. Naturalmente chama-se o primeiro Antonio, o segundo Bento, e o terceiro Carlos. Pois não é?

—Nada, nada! Melhor do que isso.

O primeiro é *Anriques*, o segundo *Biturino*, e o terceiro *Cebastião*.

—Essa agora é nova em folha!—exclamou o outro verdadeiramente admirado pelo talento de que o amigo dava provas.

*

Um empregado ao ver as horas, quando ia para a repartição, notou que o relógio estava parado. Chegou-o ao ouvido, agitou-o, mas nada... não conseguiu fazer o trabalhar. Não teve remedio senão ir ao relojoeiro.

—Faça favor de ver o que tem este relógio, que me parou na algibeira.

O relojoeiro, collocou no olho o respectivo microscopio, abriu o relógio, mirou-o detidamente e respondeu:

—Tem a mola real partida. Custa-lhe 600 reis.

—Não pode fazer isso por cinco tostões?

—Não pode ser. Se o quer prompto amanhã, custa-lhe seis tostões.

—Bem; seja assim. Amanhã cá lh'os mando.

No dia seguinte ás horas de ir para a repartição, chamou a creada, e disse-lhe:

—O' Joanna, váe a casa do relojoeiro e leva estes seis tostões, para pagar o concerto do meu relógio. Vê se elle t'o dá por cinco, mas se de todo em todo t'o não der, dá-lhe os seis tostões.

—Sim senhor.

Chegou a creada á loja do relojoeiro e disse:

—Meu amo manda aqui seis tostões para o senhor se pagar do concerto do relógio que aqui tem a compor. Diz que visse se accitava só os cinco, mas que se ateimasse muito, então lhe desse os seis.

—Pega la o relógio que já está prompto. Quanto ao dinheirão, dá cá os seis tostões, e dize a teu amo que eu ateimei muito.

Curiosidades :

Antigamente um estrangeiro era um inimigo. Entre os judeus, era considerado como um ente inferior, com quem se não podia contrahir allianças, e todavia a lei mosaica recommendava a doçura para com elles.

Athenas recebia os estrangeiros, mas não lhe concedia direitos politicos.

Sparta regeitava-os em absoluto.

O Egypto até ao tempo de Psamético, sacrificava-os a Typhon.

A exclusão do estrangeiro, e isolamento da cidade, foi o principio em que se firmou a constituição dos estados gregos.

Roma, pelo contrario, cujo berço foi um asylo, acolheu sempre de boa vontade os estrangeiros. Disse Diniz d'Halicarnasso que Roma «foi a cidade commum por excellencia, a cidade hospitaleira entre todas».

Fôram os vencidos, levados para Roma, que formaram a plebe; mais tarde aggregou os povos latinos e italianos por concessão de direitos; mais tarde ainda, sob o imperio, Caracalla concedeu os direitos de cidadãos romanos a todos os habitantes do mundo romano, o que fez dizer a Sidonio Apollinario:

«N'esta cidade que abraça o mundo inteiro, só é estrangeiro o escravo e o barbaro.»

Depois da invasão dos barbaros, o estrangeiro que vinha estabelecer-se na Gaulia, se declarava querer viver sob a lei dos Francos, era como elles, igualmente estimado. Mas os grandes apropriavam-se do direito de o vexar, e de o reduzir á escravidão.

Hoje o estrangeiro domiciliado, em toda a parte goza dos direitos civis, cumpridas certas formalidades.

Versos escolhidos:

Peço-vos que me digaes
As orações que resastes,
Se não pelos que matastes,
Se por vós que assim mataes?
Se são por vós, são perdidas;
Que qual será a oração,
Que seja satisfação,
Senhora, de tantas vidas?

Que se vêdes quantos vem
A só vida vos pedir,
Como vos ha Deus de ouvir,
Se vós não ouvis ninguem?
Não podeis ser perdoada,
Com mãos a matar tem promptas,
Que se n'umas trazeis contas,
Na outra trazeis espada.

Se dizeis que encommendado
Os que matastes andais,
Se rezaes por quem mataes,
Para que mataes, rezando?

Que se na força do orar,
Levantaes as mãos aos Ceus,
Não as ergueis para Deus,
Ergueil-as, para matar.

E quando os olhos cerraes,
Toda enlevada na fé,
Cerram-se os de quem vos vê,
Para nunca verem mais.
Pois se assim forem tratados
Os que vos vem, quando oraes,
Essas horas que resaes,
São as horas dos finados.

Pois logo, se sois servida
Que quantos mortos não sejam,
Não rezeis onde vos vejam,
Ou vêde para dar vida.
Ou se quereis escusar
Estes males que causastes,
Resuscitae quem matastes,
Não tereis por quem rezar.

LUIZ DE CAMÕES.

A S. Vicente de Paulo

Astro bello, sol ridente,
amor puro, caridade,
amor santo na verdade,
amor que vive de Deus:
amor sabio, intelligente,
amor d'anjos venturosos,
cujas dictas, cujos gosos
tão só cabem lá nos ceus.

N'este fogo puro santo
submergido noite e dia
tão alegre sempre ardia
que somente exala amor:
amor simples, doce encanto
do orphãosinho e da donzella
e da viuva que uma estrella
vê que guarda o seu pudor.

S. Vicente é do pobre,
de quem soffre, de quem teme,
de quem chora magoa extreme
dedicado protector:
no seu peito largo e nobre
ninguem mede, ninguém sabe
o quanto amor n'elle cabe
dos que scffrem em favor.

Os meninos desvalidos
acham pae em S. Vicente
tão amante, tão prudente,
que lhes ganha o coração:
e se tornam comedidos
com seu trato meigo, terno,
e já sentem do paterno
amor grave, terna unção.

Tem pãosinho e agasalho,
para o corpo mendicante,
bom sustento e abundante,
para mente e coração:

são amantes do trabalho
e submissos são em tudo,
adiantam se no estudo,
progridem na educação.

E esses tristes e famintos
de futuro desherdados,
que corriam arrastados
ao fundo da perversão:
já mudaram os instinctos,
e afastam-se d'esse abysmo
com o segundo baptismo
da piedosa educação.

E centenas de donzellas
no alvo sorrir, lá da infancia
com o encanto da fragrancia
da candura e do pudor;
que do mundo nas procellas
iam perder o perfume
sem o afago e sem o lume
do materno e santo amor.

Protegidas por Vicente
vão conservar esse encanto
do perfume e matiz santo
formosura da mulher:
e do mundo delinquente,
para longe separadas,
venturosas são as fadas,
que mais gosam... no dever.

E Vicente quando morre
não as deixa na orfandade,
acham amor na irmandade
das que no tempo educou:
e as afaga e as socorre,
as illustra e as educa,
e vão na vida caduca
no trilho, que elle trilhou.

E mil e mil heroínas
apparecem por encanto
ao sopro do grande santo
dos mares aquem e alem:
e com maximas divinas,
que nas almas tem escriptas
deixam glorias inauditas
na historia, que outros não têm.

E no campo da batalha
o artilheiro posto em brecha
para tocar com a mecha
lá no ouvido do canhão:
e quando chove metralha
que esse canhão vomita,
a bandeira lá se agita
das que fortes sempre são.

E em azas da caridade
vão socorrer o ferido,
e dir-lhe-hão—«compungido
«pede, irmão, a Deus perdão:
«defrontas a eternidade,
«onde estão as auras bellas,
«deixa ao mundo as suas querellas,
«miseraveis porque são.



Melchisedech, rei de Jerusalem, abençoa a Abraão

«Deus amante aqui me envia
 «a curar-te estas feridas,
 «minhas delicias cumpridas
 «sem ver-te feliz, terêi.»
 E consegue que sorria
 o mais triste e o iracundo,
 vendo fora d'este mundo
 ha mais amor, outra lei.

E quando a peste se alastra
 em praças, ruas, viellas,
 lá vereis essas donzellas
 ao pé do leito da dor!

Londres, Paris, Madrastra,
 as tem visto tão serenas
 quando ficam mal apenas
 o pobre e o bom pastor.

E que serviços não prestam !
 de ternas mães nos hospícios
 e com seus ternos auspícios
 aos enfermos no hospital !
 e ha infames que as detestam ;
 porque tanta e tal virtude
 é contraste lindo e rude
 da impiedade, vicio e mal.

E de roda dos altares
orando como são bellas!
de quanto mal livram ellas
ao mundo com a oração!
salvam almas aos milhares
com exemplos e conselhos,
da virtude são espelhos
de valiosa irradiação.

São, Vicente, flores bellas
que bem orlam vossa historia
e que augmentam vossa gloria
cá no mundo e mais alem:
como foste passam ellas,
apagando negras dores,
semeando d'amor flores,
que bom cheiro sempre tem.

E deixaste n'este solo
inda mais as conferencias,
que exalando vão essencias
de grandissimo valor:
que paz e luz e consolo
dão aos nossos pobresinhos,
que carecem dos carinhos
do mais puro e santo amor.

Estes pobres desherdados
que se criam esquecidos,
despresados, mal queridos
da elegante e do senhor:
por elles veem-se afagados
no tugurio, na mansarda;
novos anjos são da guarda
que lhes levam pão e amor.

Ao sopro da caridade
de Jesus e de Vicente
vão a casa do indigente
e com elle partem pão:
e lhe dizem a verdade
com meiguice e com carinho,
e de expansão um caminho
ao seu passo livre dão.

Demonstram com a visita
que o fidalgo e dama nobre
irmãosinhos são do pobre,
e ambos filhos são de Deus:
e o pobrinho n'essa coita
da miseria desolada
e o rico vão na jornada
pari passu, para os ceus.

Indo juntos no caminho
não se perdem, venturosos
tem na vida muitos gosos
e os esperam ter alem:
para o pobre esse carinho
do que tem pão vale muito
pois o pobre em alto intuito
quer carinho e pão lhe dem.

(1) Alimento, para o bruto,
vale tudo e o sacia;
mas o pobre sympathia,
terno afago quer e amor:

amar sabe e o tributo
pr'a quem ama não são flores,
nem brilhantes os melhores
equiparam tal valor.

A esmola do conferente
e a visita valem tanto
quanto vale um amor santo
pr'a quem nasce, para amar:
o coração do indigente
no azedume mergulhado,
se se sentir afagado
é como peixe no mar.

Peixe na rede colhido
da miseria e da doença,
que do irmão a bemquerença
quer da rede libertar:
da impaciencia o vê ferido
e trazer-lhe vem a calma
com a esperança, por palma
do que pode conquistar.

E, com menos soffrimento,
no seu penar mais merece,
não pragueja e já na prece
acha doce quietação:
tem mais luz no pensamento,
descobriu outro horizonte,
com o sermão lá do monte
sente alivio o coração.

Quando a esmola vae ungida
com a santa caridade
leva certa suavidade,
que consola ao coração:
de quem fôra recebida
não escalda a triste face,
nobilita nome e classe
dos que dão com tal uncção.

Quem não louva as conferencias
Que fazem dos conferentes
apostolos eloquentes
que fé pregam, dando pão!
as mundanas eloquencias
as não cantam no alaúde;
porque não tem da virtude
o mysterioso condão.

Formiga 6 de Julho de 1903.

Dr. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

QUESTÃO SOCIAL

Ainda as grèves

Nada mais util que o socialismo bem entendido; nada mais applaudido pelas pessoas sensatas e de sã razão; nada mais approvedo pela santa Igreja de Jesus.

Os capitalistas, a quem a divina providencia favoreceu, concedendo-lhes riquezas, devem para evitar a sorte dos ricos do Evangelho, repartil-as pelos seus irmãos proletarios, a quem a providencia desherdou de bens temporaes. E não seria por meio de esmolas que o capitalista devia attenuar o mal dos seus irmãos desfavorecidos da fortuna, porque d'essa forma ia envergonhal-os, não lucrando nada o favorecido da riqueza. Só o trabalho é que podia cortar

o *nó gordio*, porque os capitaes do rico augmentavam, e os pobres ganhavam o pão quotidiano honradamente, com o suor do seu rosto.

E então o capitalista, que teria o dinheiro improductivo, se o afferrolhasse no cofre, não servindo para elle nem para os pobres, funda fabricas, estabelece emprezas, arrotea campos, ergue edificios, e creando assim novos horizontes que lhe vão augmentando o capital que possui, favorece o indigente que para esse fim associa a si, e de quem carece para lhe dar movimento ás officinas e dar incremento ao trabalho de que carece.

E assim, de mãos dadas, o capital e o trabalho, se o capitalista fôr homem de coração e de consciencia recta, se tiver sentimentos religiosos, e souber compenetrar-se da sublime doutrina contida na celebre encyclica *Rerum novarum*, sahida das mãos d'esse grande amigo da humanidade que se chama Leão XIII, e que a divina Providencia collocou na cadeira de S. Pedro a dirigir os destinos espirituaes do mundo inteiro, considera os operarios como seus irmãos, e longe de querer locupletar-se á sua custa, contenta-se com um pequeno rendimento do capital empregado na sua industria, e deixa que elles aufram um salario regular embora modesto, mas que chegue para poderem viver tranquillamente na companhia de suas familias.

Mas é certo que, afóra pequenas e por isso honrosissimas excepções, não é isso o que consta vulgarmente, nem o que estamos acostumados a ver. Ha industriaes que começaram em pequena escala, fazendo como que uma tentativa de industria, e hoje teem acções de bancos e companhias, vivem em ricos palacetes, e ostentam bellas equipagens. Ora não é isso o que Deus quer, porque o suor do pobre é um capital valioso que cumpre respeitar e acatar, pagando se-lhe o seu justo valor.

Se bem o comprehendessem os snrs. industriaes, se soubessem tratar como filhos os seus operarios, e filhos que os auxiliam a augmentar os seus capitaes, se formassem (como alguns teem feito), uma caixa de soccorros que os auxiliasse na doença e os soccorresse na decrepitude, não haveria da sua parte motivos de descontentamento, nem existiria de certo, no vocabulario a tristissima palavra de *grève*.

E dizemos tristissima, porque o é.

Já no nosso numero anterior o dissemos, e agora o repetimos. A *grève*, pelo menos nas condições d'esta ultima que ahí presenciamos, é uma coisa tristissima e summamente prejudicial para todos: para o operario, que tem de socorrer-se da esmola para viver; do industrial que vê paradas e sem lucros as suas officinas; para o commercio que não faz transacções pelo retrahimento da freguezia; e para o resto da sociedade que vê parada a actividade fabril, que recêa uma explosão popular de dores e de misérias, e que se confrange com o sentimento dos que soffrem.

Isto pelo que toca ás consequencias physicas da *grève*. Mas se attentarmos nas consequencias moraes, muito mais ainda poderíamos dizer. Basta notarmos o triste resultado que adviria a todo o pessoal dos grevistas, se, depois d'um mez ou mais de penuria, de paralisação de trabalho, de fome e de miseria, tivesse de voltar ao trabalho, nas mesmas condições anteriores, isto é sem terem obtido, por parte dos industriaes, as reivindicacões a que se julgavam com direito.

E depois sempre ha um lado máo.

Os industriaes, por muito bons que sejam, são homens, e como taes atreitos ás fragilidades que carecterizam a especie humana.

Obrigados a fecharem as officinas, durante muito tempo, por falta de braços para a sua movimentação, veem

com máos olhos o movimento da *grève*, e quando a fabrica se abre, se não excluem logo os principaes iniciadores, esperam por mais algum tempo, para deixarem acalmar as paixões e os animos excitados, e a exclusão é fatal.

Para tudo isto, pôde servir de exemplo a recentissima *grève*.

Devido ao exaltamento d'uns, e á má vontade d'outros foi mais facil iniciar-se o movimento, do que leval-o a bom termo.

Oxalá esse resultado podesse servir de emenda para o futuro.

A.

AS NOSSAS GRAVURAS

S. Claudio e seus Companheiros, Martyres

S. Claudio era filho do martyr S. Marcello; e este conjunctamente com seus irmãos Eugenio e Victorino (ou Victorio como alguns escriptores lhe chamam), fiocaram em Lyão, sua patria, emquanto os seus irmãos tinham partido para a Hespanha.

O prefeito da provincia, dando cumprimento aos editos de Diocleciano e Maximiano contra os christãos, ordenou que todos offerecessem sacrificios aos deuses.

Como os tres filhos de S. Marcello não comparecessem, por terem sido educados na religião christã, foram procurados em casa, e trazidos á barra do tribunal. Ahí, depois de interrogados e reprehendidos, declararam estarem promptos a dar a sua vida em obsequio da Santissima Trindade.

E foi-lhes mandada cortar a cabeça, o que se levou a effeito no dia 30 d'outubro do anno 303 da nossa era.

Melchisedech, rei de Jerusalem, abençoá a Abrahão

Todos sabem quem era o Santo Patriarcha Abrahão, a quem o Eterno prometeu que a terra da promissão seria habitada pelos seus descendentes.

Tinha sessenta e cinco annos, quando deixou a cidade de Haran, levando para as terras de Chanaan sua mulher Sarah, e seu sobrinho Lot.

Foi para o Egypto, onde esteve um anno, e com sua familia e rebanhos foi levantar uma tenda outra vez ao sul de Chanaan.

Lot depois separou-se e seguiu ao longo do rio Jordão. Houve depois uma batalha e Lot ficou prisioneiro. Salvou-o Abrahão, que enviou em seu soccorro 300 dos seus melhores escravos.

Appareceu então a Abrahão o santo rei Melchisedech, rei da Salem (que depois se chamou Jerusalem), e que veio cumprimental-o. Offereceu em sacrificio pão e vinho, pois era sacerdote do Altissimo, e abençoou em nome de Deus o patriarcha, que lhe deu o dizimo de tudo quanto havia cobrado dos quatro reis vencidos.

E' o que representa hoje a nossa segunda gravura.

RETROSPECTO DA QUINZENA

Interior

Foi nomeado cardeal em consistorio secreto monsenhor Ajuti, nuncio apostolico da Santa Sé em Portugal.

O conde Francesco Salini, guarda nobre de Sua Santidade Leão XIII, foi o portador do barrete cardinalicio, sendo recebido solemnemente em Lisboa, pelo representante do Supremo Chefe da Igreja,

No mesmo consistorio foi preconizado arcebispo titular de Mitylene, o exc.^{mo} e rev.^{mo} conego Dr. Manoel Vieira de Mattos, que deve ser sagrado ainda no presente mez de julho na igreja do seminario de Santarem, sendo sagrantes o eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa, e os exc.^{mos} e rev.^{mos} arcebispos d'Evora, e bispo da Guarda.

Brevemente será a cerimonia da imposição solemne do chapeo cardinalicio no paço das Necessidades, por S. M. El-rei, na pessoa do augusto nuncio, e actual pro-nuncio apostolico, o eminentissimo cardeal Ajuti.

—Continuou n'esta cidade a greve dos tecelões e fiandeiros, pois que, apesar de terem retomado o trabalho os operarios das outras profissões, que, por solidariedade para com elles e para lhes serem agradaveis, haviam tambem feito greve, elles—em grande numero—não conseguiram retomar o trabalho, estando á hora em que escrevemos muitos d'elles ainda sem trabalhar, uns por não terem os seus patrões assignado o compromisso, e não pagarem por conseguinte o augmento por elles ambicionado; outros porque os patrões embora tivessem assignado, não cumpriram o prometido, allegando não pagarem os primeiros augmento algum; outros porque só declararam pagar os augmentos ás teias que estavam nos teares, fechando depois as fabricas; e outros por não admittirem todos os seus operarios visto excludirem da laboração os principaes instigadores d'aquelle movimento.

E assim estão as coisas á espera d'uma solução, que não pode deixar de ser uma das duas seguintes: 1.^a ou pegarem todos a trabalhar nas condições anteriores á greve, isto é, sem o augmento ambicionado, ou peor ainda do que isso, porque parece que as condições economicas hoje já são peores do que eram n'esse tempo.

2.^o Recomeçar de novo a greve, porque alguns industriaes não pagam o augmento que os operarios tinham em idsta, e outros deixarão de o pagar em breve, por o não voderem fazer, e por serem a isso instigados pelos que o não pagaram nem pagam.

—A «Epocha» jornal que se publicava em Lisboa suspendeu ha pouco a sua publicação.

—O snr. Fernando de Souza, antigo jornalista catholico, foi reeleito para presidir por mais dois annos á commissão administrativa do pessoal dos caminhos de ferro do estado.

Exterior

Diz o jornal brasileiro «Theresopolitano» que se descobriu perto de Theresopolis, a pouca distancia do Rio de Janeiro, uma arvore de 18 metros de circumferencia, na sua base.

Esta arvore, actualmente em florescencia, dá perfumes especiaes, provenientes da sua flor, bastando que alguem se deite á sua sombra, para ser logo tomado d'uma invencivel vontade de dormir.

O sumo d'esta arvore, diz o citado jornal, que fornece uma gomma, muito semelhante á da borracha. Será verdade?

—Ha tempos deram os jornaes noticias d'uma tremenda catastrophe, occorrida por occasião das corridas de automoveis entre Pariz e Madrid, em que, em razão das pessimas estradas e da prodigiosa velocidade do andamento, houve enorme numero de victimas entre mortos e feridos. Pois não serviu de exemplo esse horroroso estendal, porque acaba de dar-se nova edição correctea e muito augmentada, n'uma corrida dada em Dublin, (Irlanda), em que entraram d'um lado competidores americanos, e d'outro lado inglezes, francezes, belgas, italianos e allemães.

Avalia-se esta ultima desgraça pela seguinte resumida noticia: Eram 207 os automoveis inscriptos, e que partiram ás 7 horas da manhã do dia 2 de julho. Logo depois começou a chover torrencialmente, o que encheu de charcos as estradas, já de si pouco transitaveis, pelas suas muitas covas.

A's 11 horas sabia-se já, por telegrammas, que 17 automoveis estavam detidos por avarias no machinismo. E, apesar da grande vigilancia da policia, que a pé e em bicyoletas fazia o serviço nas estradas, sabe-se que houve 11 mortes, e cerca de 150 feridos! E todavia soube-se que, apesar de tudo, o allemão Genatzy ganhou o premio, constando d'uma «taça de honra» offerecido pelo americano sir Gordon-Bennett!

—Já que a chronica é de desgraças ahi vão mais duas que nada deixam a dever ás outras. N'um dos primeiros dias do mez descarrilou um comboio, ao passar a ponte de Terremontalbo, cahindo quasi todos os carros ao rio, n'uma altura de 14 metros, havendo grande numero de mortes e ferimentos. Logo, a seguir, telegrammas da Belgica, dão conta de igual catastrophe occorrida na estação do caminho de ferro de Schaerbeek. Foi nada mais nada menos que um horroroso choque de combois, contando-se que ha a registrar 40 mortos e muitas pessoas feridas algumas das quaes gravemente.

NECROLOGIA



—Falleceu, em Lamego, o ex.^{mo} snr. conde de Alpendurada, antigo fidalgo portuguez, e character d'antes que-brar que torcer, como era proprio das fibras d'outras eras. Era o illustre finado cunhado do nosso presado amigo o Ex.^{mo} snr. conde de Samodães, sendo dotado de todas as virtudes, e accessivel a todos os sentimentos de bondade. Ao nosso amigo damos sentidos pesames, pedindo a todos os nossos leitores uma prece por alma do finado.

Razão Philosophica

R

Historica da minha crença e sua Applicação Social. Estudo feito por José Dias de Souza Calazans, medico cirurgião pela escola medico-cirurgica de Lisboa, antigo facultativo militar, facultativo municipal aposentado.

CONTINUAÇÃO

Ora, o fim commum de todas as coisas, o ultimo fim, é o infinito. Será esse o fim do mundo material? não é.

Nelle não existe a independencia e a plenitude do ser, e só onde uma e outra se dão é o infinito. Alem do que nós já sabemos, que alem do mundo physico existe um outro mundo,—o espirital ou das intelligencias (capit. 1.^o);—conhecemos as suas leis, que não tem nada de commum com as do mundo physico, e que evidenciam a sua existencia. Mas se no mundo material não existe o infinito, deve nelle existir o laço, que o ligue a esse fim commum de tudo, e universal; e esse laço deve ser o seu fim particular; fim onde esteja a razão immediata da sua existencia.

A lei do equilibrio é a lei da existencia; não sendo esta mais do que o resultado de equilibrio entre as forças, que actuam e determinam as potencias, dadas as condições convenientes. Lá onde a essencia se confunde com a

existencia, o acto com a potencia, o principio com o fim, é o infinito!

São de trez ordens as forças, que actuam sobre a materia—physicas, chemicas e vitaes; e cada uma das superiores possui a virtude da que lhe é inferior e mais alguma; assim sendo o effeito das forças physicas o movimento, cujos centros de equilibrio as sciencias respectivas sabem calcular e estabelecer; as chemicas, produzindo tambem esse effeito, fazem-no obedecer a um centro de equilibrio de natureza tão differente, que dá um resultado inteiramente diverso, qual é a transformação das substancias; as vitaes, produzindo um e outro effeitos, sugeitam-nos a outro centro de equilibrio inteiramente diverso dos precedentes, e cujo resultado é tambem essencialmente diverso, pois que é a produção da vida.

Cada um d'estes grupos de forças não pode existir isolado, um nexo prende o inferior ao grupo superior; nexo que constitue o seu centro particular de equilibrio, e é a razão immediata de sua existencia; assim as forças physicas servem ás chemicas, umas e outras ás vitaes; e a attracção e repulsão, que começam por sustentar o atomo, chegam, pela differença dos centros de equilibrio, a que successivamente vão obedecendo, a produzir a vida.

Ora, sendo certo que tudo quanto existe está ligado a um centro e fim commum, onde se encontra a universal razão de ser de todas as coisas, formando uma cadeia ininterrupta, os nexos e seus elos, se escapam á sciencia, não escapam á razão, que reconhece a necessidade de sua existencia, qual será o elo, que prende o mundo material ao centro e fim commum?

Vamos ver se o descobrimos, guiando-nos pelo conhecimento, que já temos da natureza.

No producto das forças vitaes pára a actividade do mundo material; e assim como por forças de differente natureza, obedecendo a leis que lhes são particulares, se chegou a este resultado, deve ser tambem por meio de forças, que obedecem a leis differentes e superiores, que a ligação se deve estabelecer. E' certo que conhecemos forças e leis superiores ás forças e leis da vida; essas forças e leis são as moraes, ou do mundo intellectual; e como lhe conhecemos tambem ligação natural com aquellas, são ellas que devem ligar o mundo ao fim commum. E como o homem é o unico ser, em que se dá essa ligação, segue-se: que o homem é o elo, que liga o mundo material ao Creador (1); que o homem é o fim particular d'este mundo; e que o mundo material foi creado para o homem.

(Continua).

A Imprensa

II

A evolução do jornal.—Na Inglaterra: litteratos e jornalistas; fundação do *Times*; um pouco de estatística; jornaes scientificos e periodicos litterarios.—Dinamarca e Suecia.—O jornalismo na Suissa.—O jornal na Belgica desde 1605 até hoje; *L'Independence Belge*.—Hollanda.—As *Zeittungen* da Allemanha; os banqueiros Fugger; um grande jornalista; jornaes litterarios; antiguidade do jornalismo; os periodicos modernos; numeros illucidativos.—Austria e Hungria;—A *Gaceta de Madrid* e o jornalismo em Hespanha.—Imprensa italiana.—Regimen jornalístico na Russia.—A imprensa no extremo da Europa: Romania, Servia, Grecia e Turquia.

A evolução do jornal fez-se rapidamente e simultaneamente em todos os paizes. E' difficil, em virtude da

(1) Adiante veremos (Capit. 4.º) que a ligação do homem com o Creador é directa.

extrema complexidade do assumpto, seguil-a passo a passo e por ordem chronologica; assim limitar-nos-hemos a um rapido enunciado dos progressos realizados em cada nação, excluindo a França e o nosso paiz, porque a evolução do jornal em ambas nações constituirá o objecto d'um capitulo áparte.

Na Inglaterra o jornalismo não encontrou amparo e protecção, como na maioria dos outros paizes, quando tentou ensaiar os primeiros passos. Os escriptores e litteratos inglezes não viam com bons olhos o apparecimento do jornal no seu paiz. O *Weekly News*, o primeiro periodico inglez, luctou com muitas difficuldades e obstaculos, porque os nomes mais illustres da Inglaterra, á frente dos quaes se encontrava o do famoso Ben Jonhson, lhe promoveram uma guerra sem treguas. Jonhson publicou contra o *Weekly* algumas satyras violentissimas, e este procedimento foi imitado por outros litteratos. Mas os proprietarios do *Weekly* não desanimaram; fundaram-se outros periodicos e alguns annos depois do apparecimento dos primeiros jornaes já estes publicavam artigos firmados pelos que tanto tinham combatido a nova instituição.

Desde 1688 que os jornaes inglezes começaram a tomar incremento, transformando-se gradualmente com a collaboração assidua de Swift, de Addison, de Daniel Föe, de Steele e outros que para os periodicos da epoca escreveram artigos brilhantissimos. A rainha Anna protejeu notavelmente o jornalismo, mas os seus successores não cuidaram de a imitar, chegando alguns a prohibirem aos jornaes o darem conta dos actos do parlamento, exclusão que mais tarde foi infringida apenas em favor do *Evening Post*. Esta infracção favoritista provocou reclamações dos outros orgãos da imprensa; e desde o seculo XVIII que os jornaes ficaram gosando, n'aquelle grande paiz, d'umas certas regalias e privilegios.

(Continua).

A' ultima hora

Como se approxima o dia 15 de julho, e nós temos de tractar da impressão do presente numero, para ser entregue a tempo aos assignantes, apenas dizemos que Sua Santidade foi atacado de subita doença, esperando-se a cada momento noticia official do seu fallecimento. Se até á entrada do nosso jornal na machina, se der esse facto doloroso, ainda publicamos a respectiva noticia, aliás será publicado no numero 15 tudo o que se relacionar com esse facto para nós tão importante.

CARTAS ENCYCLICAS

DE

S. Santidade Leão XIII

5 VOLUMES

Brochado. 2\$300 reis
Encadernado. 3\$000 »

A' venda na Typographia do editor **José Fructuoso da Fonseca**—Rua da Picaria, 74—PORTO.

LIVROS RELIGIOSOS

A' venda na Typographia Catholica de José Fructuoso da Fonseca — Rua da Picaria, 74 — Porto

IMITAÇÃO DE CHRISTO

Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada com notas por

MONSIEUR MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.

D. ANTONIO, BISPO DO PORTO

Preços :

Em percalina	300 reis
Em carneira com folhas douradas	500 »
Em chagrin, douradas	1\$000 »

BERNADETTE

SOROR MARIA-BERNARDA

POR

HENRIQUE LASSERRE

Vertido da vigesima-segunda edição franceza

POR

A. Peixoto do Amaral

1 vol., broch. 400 reis

HORAS DE PIEDADE

OU ORAÇÕES SELECTAS

COM APPROVAÇÃO E RECOMMENDAÇÃO

DE S. EM.^a O SNR.

Cardeal Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto

Nona edição coordenada e consideravelmente augmentada

1 vol., enc.	250 reis
Douradas	500 »

Cartas Encylicas de Sua Santidade Leão XIII—5 vol. Broch. 2\$300. Enc. 3\$000

Vieira-Pregador pelo rev.^{mo} Padre Gonzaga Cabral 2 vol. broch. 2\$000

Vida, virtudes e milagres do B. João Grande. 1 vol. broch. 500

O postolado da imprensa — O Apostolado da educação — O Apostolado do clero — Conferencias religiosas que nos domingos da quaresma de 1882, 1883 e 1884, recitou na Sé Cathedral do Porto Monsenhor Luiz Augusto Rodrigues Vianna—3 vol., broch. 750

Vida Popular de S. João de Deus. Fundador da Ordem que usa o seu nome e Padroeiro de todos os hospitaes do mundo catholico, pelo Padre Ignacio Maria Maguin, sacerdote da mesma Ordem—Versão do francez pelo Padre J. M. R. S.—Com diversas approvações. 1 vol., broch. 500

Historia de S. Francisco de Assis por J. M. S. Daurignac. Tradução de M. Fonseca. 1 vol. broch. 600

Cahecismo para uso do povo contra o protestantismo, composto pelo Cardeal Cuesta, Arcebispo de S. Thiago. Approvado pelo Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto, 1 vol., broch. 50

As Tres Rosas dos Escolhidos Por Monsenhor Ségur. Tradução franceza pelo Ex.^{mo} Snr. Conde de Samodães—Com um breve de S. S. Leão XIII, e approved e recommendado pelo Em.^{mo} Snr. Cardeal Bispo do Porto—Terceira edição—1 vol., broch. 200

A Mãe segundo a vontade de Deus, pelo Abbade J. Berthier M. S.—Vertida do francez, pelo snr. A. Peixoto do Amaral—1 vol., brochalo. 600

Resumo da Doutrina Christã. Com approvação do Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto. Cada cento, 1\$000 réis. Um exemplar. 20

O Livro de Todos pelo Abbade J. Berthier M. S. Vertido do francez pelo snr. A. Peixoto do Amaral. 1 vol., broch. 600

Ladainhas ao Sagrado Coração de Jesus. Approvadas para toda a Egreja pelo Summo Pontifice Leão XIII, por decreto da S. C. dos Ritos de 2 de abril de 1899 40

Formula de se ganhar com especialidade a Indulgencia da Porciuncula—1 folheto. 50

Preces que por ordem de Sua Santidade Leão XIII, devem ser recitadas de joelhos, depois das missas rezadas em todas as egrejas do orbe catholico—Tradução approved pelo Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto—Em portugez, 10 reis—Em latim e portugez 50

Oração para se offercer a Sagrada Communhão—Approveda pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Dr. Coelho da Silva, Vigario Capitular. 10

Formula de consagração ao Sagrado Coração de Jesus. Prescripto pelo Santo Padre Leão XIII na Encylica de 23 de maio de 1899—Tradução approveda pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Dr. Coelho da Silva, Vigario Capitular. Cada exemplar 40

Jesus Vivo no Padre—considerações sobre a excellencia e santidade do sacerdocio, pelo Rev. Padre Millet, da Companhia de Jesus. Versão da 3.^a edição franceza, pelo Rev. Padre M. M. de Almeida—Com approvação e recommendação dos Prelados portugezes. — Um grosso vol., broch., 700, enc. 900

A Confissão Sacramental—Pelo Ex.^{mo} Snr. Padre Manuel Marinho—Com approvação do Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. 250

Defesa da creença catholica — (refutação das «Lendas Christãs» pelo snr. Theophilo Braga) por João Manuel de Abreu. 300

Modo de ouvir missa pelos defunctos e orações do hom christão. Obra recopilada por A. Peixoto do Amaral. Com approvação do Ex.^{mo} Snr. Vigario Capitular. 1 vol., broch., 100—enc. 160

As Chammas do Amor de Jesus—ou provas do amor que Jesus tem testemunhado na obra da nossa redempção, pelo Abbade D. Pinnard (5.^a edição). Tradução pelo Reverendo Padre Silva, professor do Collegio de Cuenjães e precedido d'uma carta encomiastica de Monsenhor Rodrigues Vianna, dignissimo director espiritual dos Seminarios Diocesanos do Porto. E' um livro precioso e já conta as valiosissimas approvações e recommendações do Em.^{mo} Snr. Cardeal D. Americo, Bispo do Porto; Em.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, e dos Ex.^{mos} Sars Bispos d'Angra, de Macau, do Funchal, e do Arcebispo Bispo do Algarve. Um volume de perto de 500 paginas in-16.^o—Preço brochado, 500 reis e pelo correio 540 reis; encadernado, 700 reis e pelo correio 740

Tudo por Jesus ou caminhos facéis do amor divino, pelo Rev. Padre Frederico William Faber, Superior do Oratorio de S. Philippe de Nery, de Londres, Doutor em Theologia—Obra traduzida do inglez para o francez por M. de Bernhardt e d'esta lingua para o portugez por F. Preto Pacheco—1 vol., broch., 600—enc. 800

O mez de Maio consagrado á Santissima Virgem Mãe de Deus. Novo Manual para os exercicios de devoção n'este mez, pelo Ex.^{mo} Snr. Conde de Samodães, com a collaboração poetica de Antonio Moreira Bello—Com permissão e approvação do Em.^{mo} Snr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., enc. 400

Vida popular de S. Vicente de Paulo—pelo Padre Berbigner, conego honorario de Bourdeus e Arcypriste de Ligorno—traduzida do francez, por M. Fonseca—Com approvação do Em.^{mo} Snr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. 400

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor José Fructuoso da Fonseca—R. da Picaria, 74—PORTO.

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO
103, Rua do Souto, 105—BRAGA

*Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887,
Industrial de Lisboa de 1888
e Universal de Paris de 1889*

Fabrica de lamascos de sêda e ouro, lisos e lavrado; paramentos para igreja; galões e franjas d'ouro fino e falsos setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portugezas.